

PAULO FINURAS

AS OUTRAS RAZÕES

Como a evolução dá sentido
àquilo que fazemos

Depois de ler este livro, poderá passar a olhar
para si próprio e para o mundo de outra forma!

Prefácio
Miguel Pina e Cunha

EDIÇÕES SÍLABO

“ Com a clareza de argumentação que conhecemos de livros anteriores, em *As Outras Razões* Paulo Finuras ilustra e discute múltiplas influências das vicissitudes do processo evolutivo na nossa espécie sobre as decisões, os padrões sociocognitivos e os comportamentos quotidianos. Bem fundamentado e atraente no estilo, este é um livro que interessa a todos os que pretendem refletir sobre as consequências da formatação evolutiva da mente humana, quer tenham ou não conhecimentos anteriores nestes domínios.

Eduardo Simões

Professor universitário, investigador integrado – DINAMIA’CET – IUL – Iscte

“ O Prof. Paulo Finuras convida-nos a interrogarmo-nos sobre o que significa ser humano – essa combinação inextricável entre uma realidade biológica fruto da evolução e uma herança cultural condicionada pela primeira. As dezenas de questões com que nos confronta – das relações interpessoais à organização da sociedade – revelam-nos uma realidade apaixonante mas também incómoda, que explica a «naturalidade» de fenómenos e comportamentos considerados indesejáveis como a desigualdade, a agressividade, a especialização sexual ou o narcisismo dos líderes e a sua relação com o populismo. Ao mostrar-nos como reconhecer esta realidade, compreender as suas causas e dar-nos a possibilidade de optar, Paulo Finuras aproxima-nos da essência da nossa humanidade.

João Paulo Feijoo

Consultor, investigador e docente universitário – Autónoma Academy, UAL

“ Em *As Outras Razões* somos brindados com mais de «a razão de ser das coisas» e «re-treinados» no aprofundamento da compreensão sobre o «funcionamento da floresta», o essencial para o alongamento da nossa existência biológica enquanto seres humanos.

João Quipipa

Economista

“ Sendo o homem um sistema inacabado, parece lógico que a democracia, enquanto criação humana, também o seja. O paradoxo reside na circunstância de a criação também se tornar criadora ou transformadora do Homem. Por um lado, ajudando a controlar os seus instintos negativos. Por outro, possibilitando a emergência do populismo com os seus líderes histriónicos.

José Filipe Pinto

Professor catedrático – ULHT

“ Provavelmente ninguém tem feito mais pela divulgação da Psicologia Evolucionista e da Sociobiologia em Portugal do que Paulo Finuras. Neste novo livro, guia-nos numa viagem pelas causas mais profundas do comportamento humano, desde os nossos vieses cognitivos, às diferenças entre sexos, passando pelos nossos comportamentos sociais. Ao longo dos vários capítulos, Paulo Finuras confronta-nos com as limitações do nosso pensamento e com algumas motivações menos agradáveis para as nossas escolhas e atitudes, mas abre também possibilidades para tirar partido dos aspetos mais benéficos da nossa natureza e para mitigar as nossas propensões mais prejudiciais, permitindo encontrar caminhos exequíveis para uma sociedade mais justa e funcional.

José Pimentel

Economista – Autor do podcast 45 Graus

“ Paulo Finuras já nos habituou em diversas obras anteriores à fluidez e qualidade da sua escrita, na área do comportamento humano, cientificamente tão transversal, que nos permite um olhar diferente e crítico, numa perspetiva da psicologia e da sociologia, perante o «paradigma evolutivo» e o sentido das coisas. Trata-se de uma obra bem documentada, rica em referências pertinentes, que nos prende ao longo de mais de 120 páginas, em que muitas delas nos desafiam a constantes ruturas epistemológicas.

Miguel Varela

Professor catedrático

Diretor do ISG Business Economics School

“ Ao longo dos anos de evolução tirámos o Homem da savana, concebemos teorias sociais, psicológicas e biossociais, mas não tirámos a savana do Homem. O estudo da psicologia evolutiva e o Paulo Finuras têm contribuído, inequivocamente, para uma abordagem do estudo do comportamento humano mais abrangente e compreensiva dos nossos programas de ação e do nosso funcionamento operatório. *As Outras Razões* permite uma consciencialização do que fazemos e porque o fazemos. Uma leitura a não perder.

Paula Tomás

Psicóloga e managing director – PTC, Lda.

“ *As Outras Razões* é uma viagem que nos ajuda a compreender como evoluiu o algoritmo de decisão da espécie humana.

Tiago Proença dos Santos

Médico neurologista pediátrico – Prof. convidado
– Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Dedicado a E. O. Wilson (1929-2021)

In Memoriam



Edições Sílabo
Almedina
2023-01-11

AS OUTRAS RAZÕES

**Como a evolução dá sentido
àquilo que fazemos**

PAULO FINURAS

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Silabo na rede
www.silabo.pt

Título: As Outras Razões – Como a evolução dá sentido àquilo que fazemos
Autor: Paulo Finuras
© Edições Silabo, Lda.
Capa: Pedro Mota
Imagem da capa: Ânia Finuras
1ª Edição – Lisboa, janeiro de 2023.
Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.
Depósito Legal: 509829/23
ISBN: 978-989-561-272-7

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2
1170-100 Lisboa
Tel.: 218130345
e-mail: silabo@silabo.pt
www.silabo.pt

Índice

Prefácio	11
Introdução	13

Parte 1

EVOLUÇÃO E COMPORTAMENTO HUMANO

1.1. Nós, humanos...	19
1.2. Será que Darwin disse (mesmo) isso?	20
1.3. Porque é que somos um sistema inacabado?	21
1.4. Porque é tão difícil agir sobre o que vai acontecer?	25
1.5. Rimos e sorrimos porquê, afinal?	27
1.6. Será que os olhos servem só para ver? A hipótese do olho cooperativo!	28
1.7. Por que razão é tão importante ser aceite?	31
1.8. Porque é que somos tão pessimistas? O narcisismo das exceções!	36
1.9. Porque é que há mais escritores do que escritoras?	43
1.10. Infidelidade: quem trai mais quem? Os homens ou as mulheres?	49
1.11. E porque é que a maioria dos humoristas são homens e não mulheres?	55
1.12. Por que razão é que eles praticam mais desporto do que elas? Da «hipótese do homem guerreiro» à «hipótese do sacana doido»!	58

1.13. As primeiras impressões contam?	64
1.14. Será que podemos cheirar o medo?	68
1.15. Como se sincronizam grandes multidões e grupos e porquê?	71
1.16. Para que servem os rituais e porque é que os praticamos e repetimos?	76
1.17. Genes-ambiente: a equação que se entretece	78
1.18. O nosso cérebro e a hipótese da «incompatibilidade»	79
1.19. Porque é que o «vício» dos telemóveis não é bem o que parece!	83
1.20. O que é que os pavões e os homens têm em comum?	86
1.21. Da natureza do amor	88
1.22. Confiança, credibilidade e vulnerabilidade entre seres humanos: o que é que as liga?	94
1.23. Serão as notícias a nova forma de mexerico entre os seres humanos?	96
1.24. E no amor, porque é que são os homens quem normalmente toma a iniciativa do primeiro encontro?	97

Parte 2

EVOLUÇÃO E BIOPOLÍTICA

2.1. Porque é que os homens querem tanto o poder e ser líderes?	105
2.2. Não tão diferentes, afinal: quando o Alfa é desafiado	111
2.3. O X e o Y na política: porque é que há mais ministros do que ministras?	113
2.4. Como percebemos o mundo?	118
2.5. Mudam os problemas, mudamos o seu conceito: será uma questão de prevalência?	119
2.6. Quem é mais generoso? Os pobres ou os ricos?	121

2.7. De onde vem a moralidade e como é interiorizada e regulada?	123
2.8. A luta pelo domínio e a assimetria de <i>status</i>	129
2.9. Qual a natureza da Guerra entre primatas humanos?	131
2.10. O populismo é simples, a democracia é complexa!	135
2.11. Quando o Estado falha, quem falha?	136
2.12. Por que razão indivíduo e cultura não são a mesma coisa?	138
2.13. Porque é que precisamos de mais individualismo, não menos?	140
2.14. Religião, Ateísmo e Evolução: qual a origem da fé e da descrença?	143
2.15. Identidade e confiança: uma perspetiva evolucionista	145
2.16. Da natureza humana e do conflito político	160
2.17. Da sociogénese da corrupção nas sociedades humanas	165
2.18. A ansiedade e a importância da luta pelo <i>status</i> na sociedade	168
2.19. Liderança: a diferença entre uma explicação «próxima» e «absoluta»	173
2.20. Evolução, crime e justiça	174
2.21. Comportamento e política: quem ganha o quê?	176
2.22. Por que razão alguns líderes são histriónicos?	178
2.23. Porque é que matámos os <i>bullies</i> ao longo da História? As hipóteses da execução e da autodomesticação	180
Conclusão: consiliência	187
Referências bibliográficas e leituras sugeridas	189

Prefácio

O meu conhecimento da psicologia evolutiva terá começado, se bem me lembro, com a leitura de um livro fascinante de Nigel Nicholson, *Managing the human animal*. Depois, fui lendo outros trabalhos, incluindo artigos críticos, como um artigo de Graham Sewell, com o inesquecível título *Yabba-dabba-doo! Evolutionary psychology and the rise of Flintstone psychological thinking in organization and management studies*. Nunca deixei de me sentir desafiado pela visão da psicologia evolutiva. Em Portugal, não conheço ninguém que tanto tenha contribuído para esta abordagem como Paulo Finuras.

Comecei por me inteirar do trabalho do Paulo com as suas obras sobre cultura. Depois, fui acompanhando o seu trabalho sobre psicologia evolutiva. Acredito que os leitores sentirão, como eu, que esta visão nos permite olhar para a realidade com um olhar fresco. O livro mergulha-nos nesta maneira de olhar logo desde a primeira citação. Livremente: todos temos sempre duas razões para fazer alguma coisa: a boa e a verdadeira. É esta capacidade para olhar para nós próprios como animais humanos que transpira deste livro. Em vez de nos vermos como animais racionais, vemo-nos como os animais racionalizadores de que falava Aronson.

Deixo aqui três itinerários mentais para que cada um de nós, leitores, possa explorar este livro da maneira mais compensadora. Primeiro: aceitar que a nossa natureza pode levar-nos aos extremos. Somos capazes do melhor e do pior. Exploremos, pois, o livro para compreender como expandir o melhor e limitar a expressão do pior que há em nós. Ou seja, e pegando em pistas do livro, como podemos expandir o positivo e mitigar o negativo? Segundo: o livro deixa notas importantes sobre o modo como a democracia e o sistema político podem ajudar a manter os instintos animais sob controlo. Ou, pelo contrário, a libertá-los. Terceiro: o livro deixa-nos a ideia de que deve-

mos manter uma visão humilde de nós próprios. Em vez de assumir a nossa natureza como prova de superioridade, a questão é: o que nos diz a nossa natureza sobre as fragilidades que nos são inerentes.

Entendendo-nos como sistemas inacabados, tal como o livro sugere, Paulo Finuras mostra que, humildemente de novo, o mais avisado é olhar para nós e para os outros com a ideia de que a dúvida é a melhor maneira de estar no mundo. Ao Paulo ficamos a dever a generosidade de nos ter servido de guia nesta viagem ao fundo de nós.

Miguel Pina e Cunha

Professor catedrático

Fundação Amélia de Mello

Nova School of Business and Economics



Edições Sílabo
Almedina
2023-01-11

Introdução

«(...) Visto que é minha intenção escrever algo útil para quem o compreenda, pareceu-me mais adequado ir diretamente à verdade efetiva das [razões] do que à imaginação delas (...)»

Niccolò Machiavelli, *in The Prince*

«Um homem tem sempre duas razões para fazer qualquer coisa: uma boa razão e a verdadeira razão.»

Atribuído a J. P. Morgan¹

«A essência do homem é realmente a sua natureza paradoxal, o facto de ele ser meio animal e meio simbólico.»

Ernest Becker, *in The denial of death*

«Estamos aqui por sorte, não por direito ou por necessidade.»

Thomas Nagel, *in The View from Nowhere*

«(...) o problema não é tanto ver o que ninguém ainda viu, mas pensar o que [poucos] ainda pensaram sobre o que toda a gente vê.»

A. Schopenhauer

«Na ciência, nada se ganha tornando as coisas mais complicadas do que o necessário, até porque a mente humana não foi projetada para lidar com a complexidade.»

Robin Dunbar, *in Evolution – What Everyone Needs To Know*

«[A verdade é que] a nossa cultura tende a encher as nossas cabeças com todo o tipo de noções falsas, fazendo-nos acreditar em coisas sobre como o mundo e a natureza humana deveriam ser, em vez do que realmente são.»

Robert Greene

⁽¹⁾ Citado em epígrafe no livro *The elephant in the brain* de Kevin Simler & Robin Hanson (2018).

Este livro é o resultado de vários anos de investigação e compilação de textos e artigos selecionados e publicados em diversos sítios e jornais académicos e complementa anteriores trabalhos de divulgação científica sobre o comportamento humano numa perspetiva evolutiva e através de uma análise biossocial.

Está organizado em duas partes (Evolução e comportamento humano – Parte 1 – e Evolução e biopolítica – Parte 2) e estrutura-se através do método de pergunta-resposta, permitindo, assim, ao leitor escolher o que quer ler e compreender melhor em cada situação.

Volto a este ângulo de análise biossocial porque, na minha opinião, e infelizmente, as ciências sociais cometeram um equívoco ao não se apoiarem no conhecimento já produzido pelas ciências da vida, acreditando que, retirando o Homem da natureza, o poderiam entender melhor. Foi, e continua a ser, um erro porque se perde de vista o sistema operativo básico do nosso comportamento, ou seja, a nossa natureza.

De resto, e de uma forma geral, continuamos a assistir à falta de integração das diversas ciências sociais na explicação do comportamento humano e a insistir na negação da própria natureza humana. Claro que o paradigma evolutivo está repleto de potencial para respostas emocionais e politicamente sensíveis. Sei disso. Ele é uma forma de contradizer a cosmovisão do paradigma essencialmente construtivista, igualitário, utópico e politicamente correto reinante, baseado na ideia da tábua rasa e na pura omissão do «elefante na sala». Vejamos o exemplo da inteligência (que toda a gente sabe o que é porque, mesmo que não a saiba definir, consegue reconhecê-la quando a encontra). Já alguma vez viu ou ouviu alguém queixar-se de a ter menos do que os outros ou ter pouca? É muito mais agradável dizer que nascemos e somos todos igualmente inteligentes. Eu, por exemplo, sou marciano, mas ninguém sabe!¹

Evitar falar do «elefante na sala» sempre foi uma forma de lidar com algumas questões. O mesmo acontece com o «elefante no nosso

⁽¹⁾ Sim, é «desagradável» que a evolução não queira saber de ideias politicamente corretas ou daquilo que desejamos. É que, como gostaríamos que fosse, é outra coisa, outro «departamento», por assim dizer. E não, não sou marciano.

cérebro», evocando o livro com o mesmo nome de Kevin Simler e Robin Hanson (2018).

Contudo, outros há, como eu, que descobriram que o paradigma evolutivo pode não só promover a integração do conhecimento humano, como dar sentido aos nossos próprios comportamentos, ainda que a esmagadora maioria das pessoas não saiba nem tenha consciência do porquê do que faz por uma razão simples: os seres humanos não têm acesso aos mecanismos evolutivos que estão na base e por trás dos seus comportamentos. Um pouco a fazer lembrar a ideia segundo a qual, «afinal, os peixes não sabem que vivem no mar».

Para defender esta ideia, gosto de argumentar com um fenómeno natural que não podemos controlar nem evitar e que muitas vezes utilizei com os meus alunos durante a minha docência universitária. Costumava perguntar-lhes se conseguiam evitar que chovesse. Claro que a resposta era «não». Porém, se desenvolvermos, com base na experiência, na observação e no conhecimento científico, bons modelos matemáticos que nos permitam compreender, não apenas a função da chuva, mas, também, as suas causas, o seu mecanismo e o seu desenvolvimento, estaremos em melhores condições de compreender o fenómeno, incluindo prever quando vai ocorrer, onde, durante quanto tempo e que tipo de precipitação será. Deste modo, podemos defender-nos melhor da chuva ou utilizá-la a nosso favor.

Acredito que o mesmo acontece com o nosso conhecimento da natureza humana.

Parte 1

Evolução
e Comportamento Humano



Edições Almedina
2023-01-11

1.1. Nós, humanos...

«[O Homem é] um animal dotado de despropósito.»

Edgar Morin (1991)

«Talvez seja ridículo levarmo-nos tão a sério (...) talvez tenhamos, pura e simplesmente, de aceitar o facto de sermos ridículos. A vida pode não só não ter sentido, como também ser absurda.»

Thomas Nagel
In What Does It All Mean?

Nós, humanos, fomos projetados pela Evolução para viver num mundo que já não existe.

É, por isso, difícil viver num ambiente de grandes organizações, centralização, liderança impessoal, sistemas financeiros e realidade virtual.

Somos, seguramente, a única das espécies que consegue interrogar-se sobre si própria, o universo e o seu lugar nele. E, para além disso, somos a única espécie que sabe que vai morrer e essa consciência da morte é crucial na nossa vida!¹

De resto, a questão da morte foi sempre um assunto complexo e «mal resolvido» pelos seres humanos. Por exemplo, no seu livro *The denial of death*, Ernest Becker (1973) sugere que «(...) a motivação básica para o comportamento humano resulta da nossa necessidade biológica de controlar a nossa ansiedade básica de negar o terror da morte», e isso acentua-se dado que, segundo o autor, os nossos sistemas simbólicos tradicionais (como a religião) parecem não ser mais convincentes na chamada «era da razão».²

O importante, aqui, é destacar que o nosso cérebro foi moldado num ambiente de escassez, onde a interdependência e a cooperação foram sempre cruciais para a nossa sobrevivência em pequenos grupos, no seio dos quais poderíamos conhecer todos e onde, acredita-se, várias pessoas assumiriam a liderança consoante os problemas espe-

⁽¹⁾ Ainda que o próprio autor não forneça qualquer resposta para isso porque ele próprio pensa que não existe qualquer solução perfeita para o dilema da morte.

⁽²⁾ Daí que Becker (1973) argumente que a perda da religião deixa a humanidade com recursos empobrecidos para aquilo que ele considera serem «ilusões necessárias» e, por isso, precisarmos, de alguma forma, de novas «ilusões» que sejam convincentes e que nos permitam, desse modo, fazer-nos sentir heroicos.

cíficos a resolver. Este molde forjou geneticamente o nosso cérebro e continua a orientá-lo, porém, agora de forma cada vez mais desfasada da «nova savana» em que vivemos.

Qualquer coisa, contudo, num dado momento, aconteceu que nos permitiu começar a compreender as forças da natureza e, num certo sentido, a dominá-las e a saber utilizá-las a nosso favor, iniciando uma caminhada de progresso inexorável. Todavia, a marcha do progresso humano que parece imparável, é frágil e depende do planeta de que tanto precisamos, mas que não precisa de nós!¹

Lembrando Pepetela (2012), «A onça deixada para trás no nosso trajeto de humanização nunca se dilui completamente dentro de nós, por muitos livros lidos, viagens feitas ou debates intelectuais participados. Há sempre uma unha ou dente de onça que se manifesta quando a ocasião é propícia [...] Somos de uma humanidade animal».

Afinal, se queremos mudar alguma coisa em nós, humanos, temos de começar por perceber e mostrar a nós próprios como somos.

1.2. Será que Darwin disse (mesmo) isso?

Para arrumar o assunto já, a resposta é, não, não disse.

Embora muitas pessoas pensem que Charles Darwin terá dito qualquer coisa como: «Não é o mais forte nem o mais inteligente da espécie que sobrevive, mas o mais adaptável» (existem várias versões a circular), de facto, tanto quanto se sabe, Darwin nunca o terá dito, nem declarado, nem escrito em lado algum. Então, porquê este erro de atribuição?

Um grupo de estudiosos do chamado «Darwin Correspondence Project» (sediado na Universidade de Cambridge) tem uma importante base de dados com mais de 9.000 cartas escritas ou recebidas por Darwin e tem, mesmo, um artigo nesse *site* que coloca esta citação como uma das «Seis coisas que Darwin nunca disse» e ajuda a perceber o que terá ocorrido.

⁽¹⁾ Do mesmo modo que a democracia, com todos os seus defeitos, não deve ser tomada por garantida porque há diversas ameaças a espreitar. Afinal, e se calhar, tanto o progresso como, sobretudo, a democracia aconteceram apesar da evolução e não tanto por causa dela.

As provas conhecidas indicam que esta ideia emergiu num discurso proferido em 1963 por Leon C. Megginson, que era professor da Universidade de Louisiana, numa convenção da Associação de Ciências Sociais, onde apresentou a sua própria interpretação idiossincrática da ideia central da obra de Darwin *Sobre a Origem das Espécies*.

O que terá acontecido é que, não tendo usado aspas e sendo a frase várias vezes repetida, com o tempo, as observações de Megginson foram simplificadas e atribuídas a Darwin.

Este é um mecanismo muito conhecido por gerar «más atribuições», em que a pessoa *A* resume, condensa ou reafirma aquilo que pensa ser a opinião da pessoa *B* e, mais tarde, a reafirmação é diretamente atribuída à pessoa *B*.

A proliferação desta atribuição errada acaba por reforçar uma ideia também errada, atribuindo a Darwin algo que ele nunca referiu ou escreveu. E é só isto e nada mais do que isto. Apenas um mito!

1.3. Porque é que somos um sistema inacabado?

«(...) Somos uma máquina com mais de 3 mil milhões de células controlada e procriada por um sistema genético que se constituiu no decurso de uma longa evolução natural de 2 a 3 milhões de anos e que o cérebro com que pensamos, a boca com que falamos e a mão com que escrevemos são órgãos biológicos (...)»

Edgar Morin (2003)

Uma das falácias muito comuns com que me deparo, habitualmente, quando abordo a questão das diferenças culturais do ponto de vista evolutivo tem a ver com o facto de algumas pessoas acreditarem que existe uma dicotomia entre o inato e o adquirido, a qual não só é insolúvel, como separa a cultura humana, nas suas múltiplas variações, do processo geral da Evolução. Compreendo que a ideia possa ser intuitiva, mas, lamento dizê-lo, nada mais errado!

O facto de os comportamentos humanos variarem ao longo e através das diferentes culturas não significa que não sejam produto da

Evolução. As variações culturais não anulam o «sistema operativo» que lhe está na base e que é a natureza humana. É, aliás, sobre este e através deste que se edificam as ditas variações culturais.

A psicologia evolutiva não propõe que os comportamentos humanos, sejam eles individuais ou coletivos, devam ser uniformes, padronizados ou, de alguma forma, iguais em todas as culturas, mas sim, o que é algo diferente, que a maquinaria neurocognitiva que os suporta, essa sim, é uniforme. E isto não é uma questão de mera opinião.

Vejamus um exemplo. Pensemos na linguagem ou, em bom rigor, na diversidade de línguas existentes no mundo, traduzida, atualmente, em mais de sete mil línguas vivas!¹

Como sabemos, nenhum de nós vem equipado para falar uma língua específica. Nós simplesmente crescemos em diferentes culturas, pelo que falamos, naturalmente, línguas diferentes. Isto não significa que a nossa capacidade linguística não seja um fruto da Evolução. Apenas significa que, por seleção natural, se produziu no nosso equipamento mental a capacidade universal para aprender a falar línguas. Quaisquer que sejam.

Falaremos aquela que aprendermos e que depende do ambiente em que crescermos.

Como referiu um dos maiores biólogos evolutivos (Mayr, 2001), o ser humano é um «sistema aberto», e é justamente por causa dessa «abertura» que adquire o «código cultural» que o completa e permite que se desenvolva plenamente. Na verdade, sem esse código (cultura), seremos como um outro primata qualquer.

Ao que parece, não desenvolvemos a cultura porque somos espertos. Na verdade, somos espertos por termos desenvolvido a cultura. Mas a biologia é ponto comum e de partida.

A cultura, enquanto «programa mental coletivo», como o propõe Geert Hofstede (2001), pode, na minha perspetiva, ser, também, entendida como parte da biologia humana, porque o indivíduo vem naturalmente equipado para adquirir um qualquer «*software* men-

⁽¹⁾ Para saber mais sobre a relação entre a biologia e a diversidade linguística, *vd.* https://www.academia.edu/8652559/Why_are_there_so_many_different_languages_in_the_world_Could_Historical_Pathogen_Prevalence_Predicts_Human_Language_Diversity_An_evolutionary_view_of_language_diversity. *Vd.*, ainda, Finuras (2020).

tal», sem o qual não se desenvolverá. Por isso gosto de considerar o ser humano um sistema inacabado, pronto a ser completado pelo ambiente onde crescer.

Mas vejamos um outro exemplo. Todos nós vimos equipados com mecanismos que nos orientam para a procura de estatuto, prestígio e outras formas de *status* ou reconhecimento social. Porém, e mais uma vez, os sinalizadores de *status* não são os mesmos em todos os contextos ou culturas, como todos bem sabemos.

Deste modo, o que os seres humanos precisam é de conseguir saber prestar atenção aos marcadores de *status* também específicos de cada contexto ou ambiente, para, assim, conseguir captá-los, aprendê-los e adquiri-los.

No fundo, os mecanismos psicológicos subjacentes é que são comuns a todos os seres humanos, e é ao conjunto desta «arquitetura mental» moldada pela evolução que se chama natureza humana, a qual constitui o nosso programa-base ou, se quisermos, o equivalente ao nosso «sistema operativo».

Portanto, as variações culturais dos comportamentos coletivos possuem uma base comum, a qual tem a ver com os mecanismos neurocognitivos que geram esses mesmos comportamentos e permitem essas variações coletivas.

Uma outra forma de entender isto é através do conceito de «cultura evocada», que se refere às diferenças culturais entre os grupos, as quais surgem a partir da combinação de um mecanismo psicológico universal com *inputs* ambientais. Estes últimos diferem entre culturas porque os ambientes também diferem. Alguns autores sugerem, mesmo, que se pode traduzir esta ideia através de uma espécie de equação informal muito simples e com a seguinte forma:

- mecanismos psicológicos universais +
inputs ambientais que diferem entre culturas =
= resultados comportamentais que diferem entre culturas
(valores culturais, por exemplo).

Infelizmente, na minha opinião, a perspetiva tradicional e a ideia de «cultura» nas ciências sociais, em geral, tem-se baseado quase exclusivamente na crença de que a cultura, pelo facto de ser transmi-

tida horizontal e verticalmente, está dissociada da nossa biologia. Foi com base nesta ideia, aliás, que, progressivamente, se retirou o Homem da natureza onde é necessário reinseri-lo para compreendermos o «vivo do sujeito».

É por isso que dois conceitos aqui são importantes: o de «cultura evocada» e o de «cultura transmitida».¹

O conceito de cultura evocada, proposto por Jerome H. Barkow, Leda Cosmides e John Tooby (1995),² traz a biologia de volta, reinserindo o Homem na natureza, uma vez que identifica os desafios ecológicos que evocaram certas práticas baseadas em imperativos evolucionistas.

Vejamos outro exemplo: o caso da chamada «distância ao poder» (Hofstede, 1990). Independentemente de umas culturas, comparativamente, pontuarem mais e outras menos no índice dessa dimensão, todas elas têm o mesmo problema comum para resolver, que se sintetiza nesta questão: até que ponto os indivíduos, numa cultura (ou pela mesma razão, numa organização), aceitam e esperam que o poder seja e esteja desigualmente distribuído?

Portanto, em todas as culturas, embora em graus diferentes, existe uma expectativa e uma aceitação emocional da inevitabilidade da desigualdade.

No fundo, a valorização da cultura evocada complementa a cultura transmitida e tem o mérito de conseguir aprofundar e ampliar a nossa compreensão da vida cultural e das diferentes práticas no quadro da Evolução.

Talvez seja tempo de alterarmos a visão dominante da relação entre a natureza e a cultura. Afinal, como referiu Serge Moscovici, «(...) tudo nos impele a pôr termo à visão de uma natureza não humana e de um homem não natural».

É que, tudo o indica, a nossa natureza é cultural.

(1) Os comportamentos culturais evocados são aqueles que resultam de mecanismos psicológicos compartilhados em resposta a sugestões ou estímulos ambientais locais; os comportamentos culturais transmitidos são aqueles que são aprendidos a partir de um grupo social, independentemente do meio ambiente.

(2) Para saber mais, *vd.* Barkow, Cosmides, e Tooby (1992); Fessler, Clark, e Clint (2015); Buss (2005).



Paulo Finuras é doutor em Ciência Política (UL), sociólogo (Iscte-IUL) e professor associado convidado no ISG – Business & Economics School de Lisboa. Em termos académicos e profissionais, tem-se dedicado ao estudo da evolução e comportamento humano e da sociobiologia. Neste domínio, é autor dos livros: *Primatas Culturais: Evolução e Natureza Humana* (2015), *Bioliderança: porque seguimos quem seguimos?* (2018), *Da Natureza das Causas – Psicologia Evolucionista e Biopolítica* (2020) e *Human Affairs – Evolution & Behaviour* (2021), todos publicados pela Sílabo.

Em *As Outras Razões* confrontam-se alguns dos «motivos ocultos» do comportamento humano, nomeadamente, por que razão há mais homens humoristas e mais escritores do que escritoras? Porque é que os olhos não servem só para ver? Porque é que os homens dominam as posições de Liderança e de Poder? Porque é que a corrupção é tão persistente e difícil de combater nas sociedades? Por que razão amamos e fazemos guerras? Quem é mais infiel, os homens ou as mulheres? O que é que os homens e os pavões têm em comum? Depois de conhecer *As Outras Razões*, o leitor poderá não olhar para si próprio ou para o mundo da mesma forma. Porém, não ficará dececionado com a natureza humana. É que as razões que as pessoas invocam para justificar o que fazem, e porque o fazem, sejam (mesmo) essas ou «as outras», importam menos do que aquilo que resulta delas. Um livro provocador, e invulgar de sociobiologia e psicologia evolucionista que procura desvendar e interpretar aquilo de que não se fala habitualmente e se desconhece, mas que dá sentido aos nossos comportamentos.

“ Em *As Outras Razões*, o prof. Paulo Finuras apresenta-nos, de forma desassomburada, uma brilhante leitura do nosso tempo, à luz do processo evolutivo. Do homem bio ao homem moral, este livro mostra-nos, de forma lúcida e racional, caminhos que nos ajudam a entender o que somos, como somos, e porque somos. A ler com urgência!

José Barata

Médico e professor auxiliar convidado
Nova Medical School

“ Uma visão surpreendente da natureza humana e dos comportamentos sociais, à luz do paradigma evolutivo. Uma leitura obrigatória para explorar o nosso sistema operativo e fundamentar uma conceção do homem como ser biossocial. Estamos, finalmente, a lançar a ponte entre a natureza e a sociedade?

Luís Caeiro

Psicólogo, professor associado convidado
e diretor de programas da Católica Lisbon School
of Business & Economics

“ A Medicina fez enormes avanços estudando as causas das doenças. Queixamo-nos de que as nossas sociedades estão doentes e de que precisam de reformas; mas não estudamos como funciona o *Homo Sapiens*, ou recusamo-nos a fazê-lo para dele preservar uma imagem idealizada. Neste livro, escrito em termos de perguntas e respostas, muito claro e com muita informação, o prof. Paulo Finuras tenta explicar o que somos e porquê. É assim que se pode começar a encontrar soluções para os males da espécie.

Rodrigo de Sá-Nogueira Saraiva

Etólogo, professor associado
Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

ISBN 978-989-561-272-7



9 789895 612727

736